

A ASSEMBLEIA DE DEUS EM JOINVILLE: CRESCIMENTO E EXPANSÃO NA “MANCHESTER CATARINENSE”

Mario Sérgio de Santana¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo, relacionar o crescimento da Igreja Evangélica Assembleia de Deus com o ritmo de expansão industrial da cidade de Joinville, e perceber como a atração da mão de obra de várias regiões de Santa Catarina e de outros estados, aliada a ação evangélica da denominação, possibilitou o aumento considerável de membros da denominação no município. Para construir essa relação foram consultados artigos do Mensageiro da Paz das décadas de 1930 e 1940, e publicações comemorativas da própria denominação, onde se pode ter um panorama geral da igreja em Joinville. Obras historiográficas de autores joinvilenses sobre a cidade e de cientistas sociais que abordam especificamente o crescimento dos pentecostais também foram consultados para contextualizar a expansão da Assembleia de Deus em Joinville.

Palavras chave: Pentecostalismo; imigração; Assembleia de Deus; industrialização, crescimento.

¹ Mario Sérgio de Santana é licenciado em História, pós-graduado em História Cultural e diácono na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Joinville.

1 INTRODUÇÃO

Joinville, manhã de domingo do dia 15 de maio de 1988. Vestido em seu impecável terno branco, o pastor Satyro Loureiro, juntamente com outros líderes da Assembleia de Deus (AD), autoridades políticas e eclesiais e uma multidão de fieis, se reúnem numa das principais avenidas da cidade, a Getúlio Vargas, para a cerimônia de inauguração do novo templo sede da igreja.²

Revestido com mármore e granito e com modernas linhas arquitetônicas, o novo templo foi considerado um marco do trabalho pentecostal no estado catarinense. Construído a partir de um esforço conjunto de obreiros e membros, a qual resultou para a denominação uma enorme economia de divisas, sua inauguração premiou um intenso trabalho ininterrupto de três anos da igreja como um todo.³ Outro detalhe não menos interessante foi o período da sua construção realizado em plena década de 1980; momento esse descrito por muitos estudiosos como a “década perdida”, de sucessivos e malfadados planos econômicos, de carestia de preços, e de galopante inflação que corroia o poder aquisitivo dos trabalhadores brasileiros.⁴

Mas, mesmo enfrentando uma série de desafios, contando com o trabalho voluntário dos fiéis e com a contribuição de pessoas de dentro e fora da denominação, a construção do novo templo revelava de maneira concreta, a expansão e o crescimento numérico e material da denominação pentecostal na cidade.

O texto que se apresenta a seguir tem como objetivo observar como desde os primeiros anos de sua existência a AD em Joinville, por estar situada em uma região de contínuo crescimento comercial e industrial, conjugada as ondas de imigrações da cidade, se tornou a maior igreja pentecostal de Santa Catarina.

² MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro: CPAD, agosto 1988. p. 06.

³ MENSAGEIRO DA PAZ, 1988. p. 06.

⁴ GUEDES, Sandra P. L. de Camargo; GORDON, Eleide Abril. **Hospital público é assim mesmo!** Joinville: Univille, 2004. p. 98.

2 ASSEMBLEIA DE DEUS EM JOINVILLE: GÊNESE E DESENVOLVIMENTO

A AD em Joinville tem sua gênese no norte do país, na cidade de Belém do Pará. Ela é fruto do trabalho missionário de dois jovens batistas, suecos de nascimento, mas radicados nos Estados Unidos, que em 1910, sem apoio institucional ou financeiro, chegaram ao Brasil. Após um período de adaptação, Berg e Vingren pregam a mensagem pentecostal para os membros da igreja batista, da qual foram excluídos juntamente com mais 18 membros. Dessa cisão, nasce a Missão Apostólica da Fé em 1911, a qual tem seu nome alterado para Assembleia de Deus em 1918. A expansão da AD pelo norte do país é rápida, sendo que 20 anos após sua fundação ela chegou a atingir todo o Brasil.⁵

Em Santa Catarina, a AD chega em 1931 através de um jovem chamado André Bernardino da Silva. Bernardino, natural de Itajaí, foi enviado pela família à cidade do Rio de Janeiro para estudos religiosos, cujo objetivo era fazê-lo um sacerdote católico. Porém, o jovem André se envolve na boemia e vícios, ficando extremamente doente; quase à morte.

Nesse estado de falência física e moral, Bernardino recebe a visita de Vingren e outros auxiliares que oraram por ele, sendo milagrosamente curado de sua tuberculose. Passou então a congregar na AD do bairro de São Cristóvão, fundada por Vingren alguns anos antes. No entusiasmo da conversão ao pentecostalismo, André volta para Itajaí, e numa visita a casa de alguns familiares iniciou a AD no estado catarinense.⁶

Da cidade natal, André organiza a denominação nas cidades próximas como Blumenau, Ilhota, Guaramirim e São Francisco do Sul. No início do trabalho há fortes resistências e perseguições, mas Bernardino juntamente com

⁵ FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo. In: ANTONIAZZI, Alberto **Nem anos nem demônios**; interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 82-83.

os fiéis consegue contornar as dificuldades. Vingren visita pelo menos duas vezes, a recém-fundada igreja, e separa André para o ministério pastoral.⁷

Passado algum tempo do início da AD em Itajaí, alguns membros se transferem dessa cidade para Joinville. Nesse mesmo período, um dos convertidos, um cozinheiro de navio pesqueiro chamado Manoel Germano de Miranda, resolve partir para Joinville para ali se tornar o primeiro dirigente local da igreja na cidade. É Miranda, sob a supervisão de Bernardino, que organiza a AD em Joinville, aluga o primeiro salão de cultos e sob forte perseguição, transfere a igreja para a Avenida Getúlio Vargas.⁸

Ainda na década de 1930, a AD em Santa Catarina passa a ser liderada pelo missionário suíço Albert Widmer, e nesse mesmo período chegam ao estado os missionários norte-americanos J. P. Kolenda, Virgil Smith e Orlando Boyer. São esses missionários que organizam e estruturam a AD no estado, sendo que (segundo a biografia de Kolenda) cada um deles ficou com uma região de Santa Catarina para trabalhar e desenvolver.⁹

Nesse processo, Virgil Smith substitui Miranda em Joinville, e, juntamente com Kolenda, cria uma rede evangelística, visando à evangelização de todo o estado catarinense e organiza juridicamente a convenção de pastores de Santa Catarina. Paralelamente, inicia a construção do primeiro templo sede da AD joinvilense, abre novas congregações, cria vários departamentos e leciona estudos bíblicos na igreja.¹⁰

3 A AD EM JOINVILLE E SEU CRESCIMENTO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS

Desde seus primórdios a AD em Joinville é reconhecida como uma das principais igrejas da denominação em Santa Catarina; senão a princi-

⁶ ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 786.

⁷ ARAÚJO, 2007, p. 786.

⁸ POMMERENING, Claiton Ivan (Org.) **O reino entre príncipes e princesas: 75 anos de história da Assembleia de Deus em Joinville**. Joinville: REFIDIM, 2008. p. 19.

⁹ ARAÚJO (2007) e BRENDA (1984) esclarecem essa divisão estratégica dos norte-americanos em proposta por Kolenda em Santa Catarina.

pal. Preciosas informações publicadas no Mensageiro da Paz¹¹ (principal veículo de comunicação da denominação no Brasil) revelam o destaque que a AD joinvilense obtém já nos primeiros anos de sua existência. Isso sem dúvida se deve ao fato, da nova congregação estar localizada numa cidade de muitos recursos e grandes perspectivas de crescimento; portanto, estratégica para o avanço do pentecostalismo na região.

Deve-se lembrar de que Joinville, por volta da fundação da AD na cidade, já despontava como a cidade de maior crescimento em Santa Catarina. Segundo Ilanil Coelho (1998), a cidade na década de 30 girava em torno de 40.000 habitantes (contabilizando os moradores da área rural), e contava com 349 estabelecimentos industriais de ramos diversos como o setor têxtil, químico e metalúrgico, atraindo mão de obra de várias regiões do estado.¹²

Esse desenvolvimento, com certeza não passou despercebido pelos seus primeiros líderes. Em vários artigos publicados no Mensageiro da Paz (MP) por seus pioneiros, os quais prestavam relatórios do crescimento do trabalho pentecostal na “cidade dos príncipes”, se percebe de forma clara a relação entre o desenvolvimento socioeconômico da cidade com a expansão da igreja, bem como a idealização que já se fazia do município naquele período.

Em um texto de março de 1938, ou seja, cinco anos após sua fundação, Alberto Widmer assim descreve o crescimento da AD no município:

Joinville, a mais importante *cidade onde as indústrias estão em atividade*, dia e noite, e o povo *ordeiro procura a paz e o trabalho*, não podia ficar sem a visitação da mensagem pentecostal. Em menos de 2 anos, levantou-se aqui uma *igreja forte e próspera*. De tempos em tempos, realizamos batismos nas águas, e o número de membros esta constantemente aumentando, tornando-se, assim, *a maior igreja evangélica do Estado*¹³. (Grifo do autor)

¹⁰ ARAÚJO, 2007, p. 814.

¹¹ Daqui por diante tratar-se-á o jornal Mensageiro da Paz, de modo abreviado como MP.

¹² COELHO, Ilanil. É proibido ser alemão: é tempo de abraçá-lo. GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (org.). **Histórias de (I) miganes**: o cotidiano de uma cidade Joinville, SC: Univille, 1998, p. 171.

¹³ MENSAGEIRO DA PAZ, 1º quinzena de março 1938, p. 07.

Além dessa relação entre as atividades econômicas da cidade com o crescimento da igreja traduzida principalmente nos batismos e no número de membros, Widmer destaca a AD joinvilense, já naquela época, como a “maior igreja evangélica do Estado”. Também é interessante o fato de que Albert Widmer, como estrangeiro que era (suíço) absorver e explicitar nas linhas acima o discurso da cidade da “ordem e do trabalho”, discurso este valorizado por alguns historiadores da cidade. Iara Costa corrobora, pois assim descreve Joinville nessa época:

Embora não fosse a capital do Estado e nem estivesse listada como grande centro brasileiro, *os visitantes não deixavam de expressar seu deslumbramento e de observar o potencial do município que tinha no trabalho e no “espírito empresarial” de seus homens a alavanca de seu sucesso*. Seus jardins floridos, casas bem cuidadas, a ordem reinante, os deixavam maravilhados. Aqueles que vinham de outras regiões para trabalharem deslumbravam-se pelas excelentes condições do centro da cidade.¹⁴ (Grifo do autor)

Era essa Joinville ordeira e laboriosa que Widmer revelava em seus relatórios. Mas havia ainda outra faceta da cidade não percebida por ele. Face essa descrita pela historiadora da seguinte forma:

A miséria, o empobrecimento e a Joinville “fria”, era guardada “sete chaves” nos seus rincões de regiões afastadas, que não possuíam flores, bicicletas ou histórias de príncipes e sim palafitas nos mangues, sem infra-estrutura, esgoto correndo rumo à Baía da Babitonga, poluindo rios e mares num processo cada vez mais ascendente”.¹⁵ (Grifo do autor)

Mas mesmo vivenciando essas contradições, Joinville nesse momento já desponta como um importante pólo industrial e comercial da região nordeste do estado. Nesse período novas empresas começam a se instalar na cidade, e relações comerciais com grandes centros também em expansão como São Paulo e Rio de Janeiro são consolidadas. Empresas como a Fundação Tupy (1938), Companhia Hansen Industrial (1938), e a

¹⁴ COSTA, Iara Andrade. A cidade da ordem: Joinville 1917-1943. In: GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (Org.). **Histórias de (I) migrantes: o cotidiano de uma cidade Joinville, SC**: Univille, 1998. p. 112.

¹⁵ COSTA, 1998, p. 112.

Indústria de Refrigeração Consul (1950) além de outras, são fundadas nessa época.¹⁶

Essa relação entre desenvolvimento industrial de Joinville, com o crescimento da AD local, fica ainda mais evidente em outro artigo assinado por Widmer ao Mensageiro da Paz dois anos depois, onde mais uma vez a igreja e a pujança industrial da região são relacionadas em uma linguagem que não deixa dúvidas do seu entusiasmo pela igreja e principalmente pela região.

Nos dias 16 e 17 de Dezembro próximo passado, tivemos, na Assembleia de Deus em Joinville, uma festa espiritual. O fim dessa reunião foi no sentido de haver mais contacto entre obreiros, trabalhadores e os crentes, em geral, nesta *zona próspera das coisas materiais, aonde há grande desenvolvimento industrial*; nas coisas que são do Espírito, igualmente, temos visto amplo crescimento, em toda a região... A igreja em Joinville, sendo *uma das maiores Congregações Evangélicas deste Estado*, tem sido uma verdadeira “Espalha Brasa”...¹⁷ (Grifo do autor)

Há ainda mais um detalhe que talvez explique o aparente deslumbramento e otimismo de Widmer pela cidade e pela igreja. Ao que tudo indica a conversão de algumas famílias, que detinham certo poder aquisitivo¹⁸, fez com que a AD local ganhasse impulso e logo se tornasse, devido à estabilidade de suas contribuições financeiras, uma igreja estratégica para o avanço do pentecostalismo em Santa Catarina.

Quase um ano depois, em outro relatório ao MP, onde descreve uma viagem pelo estado e as visitas que fez as congregações das principais cidades onde a AD já tinha se instalado, Widmer descreve sua alegria em observar que o trabalho pentecostal em São Francisco do Sul estava aumentando de forma considerável, e novamente não poupa elogios à congregação joinvilense, ao expressar que o trabalho em São Francisco conta

¹⁶ POMMERENING, 2008, p. 23.

¹⁷ MENSAGEIRO DA PAZ 1ª quinzena de abril de 1940.

¹⁸ MIRANDA, Marcelo. **75 anos da Assembleia de Deus em Joinville**. Joinville: CEEDUC, 20 de ago. 2008. Entrevista a Claiton Ivan Pommerening e Mario Sérgio de Santana.

com “a cooperação ativa da parte do ministério da próspera Assembleia de Deus em Joinville.”¹⁹

A mesma opinião é expressa e reforçada em um artigo escrito ao MP por um dos pioneiros da AD local, João Bernardino ao relatar que:

Joinville esta cooperando com a evangelização do grande campo norte de Santa Catarina... *A igreja de Joinville coopera espiritual e materialmente* com três obreiros do interior que estão levando com energia e fervor o trabalho as principais cidades...²⁰ (Grifo do autor)

Os artigos desses pioneiros são contrastantes com outras notícias e informações das AD's de outras cidades catarinenses. Um exemplo disso é a igreja de Florianópolis, que sendo organizada em 1938 no bairro Coqueiros é descrita um ano depois de sua fundação como “campo muito duro”, mas mesmo assim “existe já um pequeno número de crentes, alegres com Jesus”, segundo as informações do pastor João Ungur.²¹ Anos depois o pastor Antonieto Granjeiro, informava em seu relatório ao MP que a igreja da Capital era ainda uma das menores do estado.²²

Percebe-se assim em todas essas citações, informações relevantes para se perceber a posição estratégica que a AD joinvilense galgou em poucos anos na evangelização de Santa Catarina. O aumento significativo de membros e de arrecadações possibilitou a AD desenvolver projetos arrojados, mesmo que a maioria da população da cidade durante certo tempo passasse por dificuldades econômicas. Costa (1998) é enfática em sua tese, de que no mesmo período, o poder aquisitivo dos habitantes de Joinville era baixo, o custo de vida alto, e como já se frisou, os problemas sociais se avolumavam.²³

Prova disso são as dificuldades encontradas para construir o primeiro templo sede da denominação na cidade. Os testemunhos da enorme

¹⁹ MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro. 1ª quinzena de fevereiro de 1941. p. 07.

²⁰ MENSAGEIRO DA PAZ. 1º quinzena de julho 1945. p. 06.

²¹ MENSAGEIRO DA PAZ Rio de Janeiro. 2ª quinzena de maio de 1939. p. 07.

²² MENSAGEIRO DA PAZ Rio de Janeiro: CPAD, 2ª quinzena de outubro de 1956. p. 04.

²³ GUEDES; GORDON,1998, p. 114-115.

carência de recursos financeiros e materiais daquele momento, principalmente com o desenlace da Segunda Guerra Mundial são eloquentes em revelar os obstáculos do grupo de fieis naquela empreitada. As próprias palavras de Smith confirmam isso ao descrever os dias de inauguração e festa naquele vinte e três de junho de 1943:

Uma das cousas mais impressionantes das festividades foi o testemunho dos irmãos em Joinville, da maravilhosa providência de Deus na construção do templo. O período da construção *foi o mais difícil de todos os tempos, pois além de grande carestia houve constante falta de materiais para construções.*²⁴ (Grifo do autor)

Mesmo com todas as dificuldades a AD joinvilense é destacada no discurso de seus pioneiros como próspera e auxiliadora da obra pentecostal no norte catarinense, tendo seus líderes alcançado projeção nacional à frente dessa igreja.²⁵

4 FORTE EXPANSÃO NUMÉRICA E MATERIAL DA AD A PARTIR DOS ANOS 60

Em fins da década de 1960, se processará um acentuado aumento demográfico em Joinville, o qual se estenderá pelos anos 70 e 80 causando um enorme impacto político, econômico e estrutural na cidade. Esse crescimento acentuado provocará também um enorme impulso na AD joinvilense que vê seu número de membros e congregações duplicar em poucos anos.

Para melhor compreensão desse período é importante lembrar que o Brasil dos anos 60 e 70, é governado por uma ditadura militar preocupada em aprofundar o desenvolvimento industrial, financiando esse desenvolvimento com empréstimos vultosos do exterior. Juntamente com o aprofundamento da industrialização nos centros urbanos; a mecanização da agricultura e o parcelamento de terras agrícolas causaram a expulsão da

²⁴ MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro. 1ª quinzena de agosto de 1943. p. 7.

²⁵ Para maior conhecimento dos líderes da AD de Joinville e a projeção de alguns deles no cenário nacional ver POMMERENING, 2008, p. 45-75.

mão de obra do meio rural. Essa mão de obra saída do campo se estabelece nas cidades, e conseqüentemente provoca o inchaço das mesmas.²⁶

O estado catarinense sofre nesse mesmo momento, graves crises no campo com o chamado êxodo rural. Em compensação as cidades localizadas na região nordeste têm um acelerado crescimento, em especial Joinville, cujas indústrias do setor metalmecânico são consideradas estratégicas pelos governos militares.²⁷

Conforme ressaltam Guedes e Gordon essas empresas, em especial a Indústria de Fundição Tupy S. A., considerada a maior da América Latina, recebem consideráveis investimentos governamentais para seu desenvolvimento, pois estavam fazendo parte do projeto desenvolvimentista conhecido como “a arrancada do aço”.

Por conta desse interesse estratégico, a fundição e outras empresas que vieram a formar o Grupo Tupy, algumas também alocadas em Joinville, tiveram um crescimento bastante significativo, *atraindo mão de obra de várias partes do Estado de Santa Catarina e Estados vizinhos*. Da mesma forma, cresceram outras indústrias de menor porte ligadas, diretamente ou indiretamente, ao setor metalúrgico, assim como o comércio que dava suporte aos novos moradores da cidade. Na década de 1970 o maior realce da indústria joinvilense estava nas áreas de metalurgia, mecânica e artefatos de metal; indústrias como Duque, Wetzel, Schulz, Granalha de Aço, Docol, Galvanobril, Manchester, entre outras, já faziam parte do parque industrial de Joinville nesse período... Em meados da década de 70, Joinville passa a contar com mais uma indústria que aos poucos vai crescendo e dominando o mercado internacional de motores, a EMBRACO.²⁸ (Grifo do autor)

Percebe-se dessa forma como a cidade de Joinville com suas indústrias, se torna a grande opção de moradia e trabalho para milhares de pessoas, que em dificuldades no campo, partem para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida.

Para se ter uma ideia desse processo de acelerada urbanização, vale destacar que o Estado de Santa Catarina apresentava em 1960 uma taxa de

²⁶ GUEDES; GORDON, 2004, p. 69.

²⁷ GUEDES; GORDON, 2004, p. 69.

²⁸ GUEDES; GORDON, 2004, p. 70.

32% de urbanização, saltando para 50% em 1975 e 60% em 1980. Joinville nesse mesmo período apresentava uma taxa de urbanização de 78,6% em 1960, 89% em 1970 e 94,3% em 1980. Outra informação indiscutível sobre esse crescimento populacional são os dados do IBGE mostrando que Joinville em 1970 apresentava uma população de 126.058 e em 1980 esse número salta para 235.812.²⁹

Portanto, nessa fase de sua história, Joinville recebe um contingente enorme de migrantes, que segundo um ex-prefeito do município acaba por “descaracterizar” a cidade. Ou seja, de uma cidade reconhecidamente de características germânicas, ela passa a ser agora, por conta da intensa migração uma cidade mais multicultural, com uma diversidade maior de etnias, cores e culturas em sua formação urbana.³⁰

Todo esse crescimento é claro teve um custo social enorme além da simples “descaracterização da cidade”. Se por um lado havia certa euforia por Joinville ser um local de progresso e trabalho, do outro, problemas estruturais se avolumavam de forma crescente. Problemas de infraestrutura, como oferecimento de água e esgoto mostravam falhas. Invasões de terrenos na periferia, loteamentos precários nos subúrbios e conseqüentemente problemas de saúde foram se avolumando nesse momento.³¹

Em suma Joinville vivia à semelhança de muitas outras cidades brasileiras e do mundo o lado contraditório do “progresso”, ou seja, por um lado se percebe pujança e modernidade, por outro se avolumam problemas estruturais de várias ordens. Esses problemas como se observou anteriormente já faziam parte da rotina da cidade, porém ficaram mais evidentes nesse período. Não se podia mais esconder as contradições da “Manchester Catarinense”.

E é dentro desse contexto socioeconômico que a AD vive seu grande momento de expansão. O intenso aumento populacional da cidade sig-

²⁹ GUEDES; GORDON, 2004, p. 70-71.

³⁰ GUEDES; GORDON, 2004, p. 72-73.

³¹ GUEDES; GORDON, 2004, p. 74-75.

nificou também a formação de novos bairros e conseqüentemente à abertura de novas congregações pela cidade. Uma leitura atenta da revista comemorativa do cinquentenário da AD revela que das 47 congregações pertencentes ao campo eclesiástico da denominação até o ano de 1983, pelo menos 20 delas tinham sido formadas nos últimos 15 anos. Isso mostra que desde fins dos anos 60 até a data do Jubileu de Ouro (1983) a AD registrou um crescimento de quase 100% em número de congregações abertas na região.

No próprio texto da Revista do Jubileu do Ouro, pode-se estabelecer a relação entre o crescimento demográfico da cidade e dos bairros com o desenvolvimento de antigas e de novas congregações. Exemplo disso é o relato sobre a congregação do Bairro Boa Vista aberta em 1943. Ao informar detalhes de sua organização e desenvolvimento, o texto não deixa dúvidas sobre o enorme potencial da região ao afirmar que:

*Boa Vista é hoje um dos **mais populosos bairros de nossa cidade. Sua população é constituída em sua maioria de operários que nas indústrias que ali se instalaram como: Fundação Tupy, Granalha de Aço, TUPINIQUIM**, e dentre outras, ganham o pão de cada dia. Hoje Boa Vista, que já foi um distrito de Joinville conta com toda infraestrutura e vem desenvolvendo-se de tal forma que num futuro bem próximo, terá duplicado sua população. **Grandes conjuntos residenciais estão sendo construídos no bairro e requer dos salvos muito trabalho no sentido de conquistar as almas para Cristo**, especialmente daqueles que procuram Boa Vista como seu bairro residencial.*³² (Grifo do autor)

Em outro histórico, como no caso da congregação de Jardim Iriirú, mais uma vez o grande contingente de migrantes é mencionado e agora diretamente colocado como responsável pela abertura da nova congregação.

Joinville é uma cidade que cresce vertiginosamente nos campos social, econômico e político. Aliado a esse crescimento, está o trabalho Evangélico, mormente aquele ligado a Assembléia de Deus. Jardim Iriirú é um dos bairros mais novos de Joinville e fica localizado entre os bairros Iriirú e Boa Vista, resultante da grande leva

³² VIEIRA, Adelor F. (Org.). **1983 - ano do cinquentenário da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Joinville - SC**. Joinville: Manchester, 1983. p. 78.

de migrantes que deslocou-se a nossa cidade em busca de empregos. Com o aumento do número de membros das congregações de Iriirú e Espinheiros, seus templos ficaram superlotados, gerando, conseqüentemente, a necessidade de um ponto de pregação em Jardim Iriirú.³³

O extraordinário desenvolvimento das congregações de Espinheiros e Iriirú verificado na revista são salientados com a informação de que o templo de Espinheiros, construído em 1974 é ampliado em 1982 devido ao aumento de fieis no bairro. A congregação do Iriirú uma das mais antigas da cidade recebe destaque pela inauguração do seu novo templo em 1980, cujas medidas são superiores ao antigo templo sede da AD, sinal esse incontestável do aumento do número de membros nessa região.³⁴

É importante também ressaltar que as localizações dessas congregações se encontram justamente próximas ao bairro Boa Vista e da Fundação Tupy, que como já se frisou vivia nesse momento uma fase de grande expansão produtiva. Tanto é que nessa etapa de crescimento industrial da empresa é construída a COMASA do Boa Vista; empreendimento financiado com recursos públicos para a construção de 532 casas populares, em local imediatamente próximo das referidas congregações.³⁵

Outro exemplo marcante da relação entre o crescimento industrial e o desenvolvimento de uma congregação é o histórico da igreja do bairro Nova Brasília, destacado na revista do Jubileu de Ouro onde se lê:

Nova Brasília é um dos grandes bairros de Joinville, fundado na década de 60, *quando nossa cidade começou atingir índices de crescimento bastante significativos em função do desenvolvimento industrial*. Naquela oportunidade, vieram integrar-se ao nosso convívio pessoas oriundas de várias partes de nosso Estado e do Brasil, em busca de empregos e escolheram aquele bairro para fixarem residência. Face a essa leva de migrantes, Nova Brasília explodiu demograficamente, passando de pouquíssimas casas ao conceituado bairro que hoje o é”.³⁶ (Grifo do autor)

³³ VIEIRA, 1983, p. 105-106.

³⁴ VIEIRA, 1983, p. 90, 91-100.

³⁵ GUEDES, 2004, p. 69.

³⁶ VIEIRA, 1983, p. 110.

Mas o crescimento e as transformações urbanas não se limitam somente a esse bairro, cujo nome homenageia a capital federal inaugurada em 1960. Regiões agrícolas de localização imediata ao bairro também sofrem o impacto dessa explosão demográfica registrada nas linhas anteriores, e juntamente com o crescimento populacional se encontra o registro da expansão evangélica.

Morro do Meio é um dos bairros mais novos da cidade, *fundado em função da expansão do bairro de Nova Brasília, em direção à área rural de nosso município*. Antes Morro do Meio era um vilarejo rural de nosso município. Hoje é servido inclusive com linhas regulares de ônibus. Pela misericórdia de Deus acompanhamos a marcha de crescimento e lá fincamos o Reino de Deus.³⁷ (Grifo do autor)

Há também registro da formação de uma congregação no bairro Profipo, bairro esse que surgiu a partir de planos habitacionais da prefeitura para abrigar famílias de baixa renda na zona sul da cidade. Em mais esse caso de formação de um novo núcleo habitacional se lê: “Profipo hoje é bem populoso, e a igreja também se faz presente.”³⁸

Percebe-se assim, o senso de oportunidade e dinamismo dos seus obreiros, que atentos aos movimentos migratórios, abrem congregações e pontos de pregação nos locais onde os migrantes se fixam, e ali colhem o resultado dos trabalhos evangelísticos.

Essas ondas migratórias continuaram ocorrendo, mesmo nos anos posteriores a 1983 quando a AD realizou o seu Jubileu de Ouro e publicou sua revista comemorativa. Nos anos seguintes, principalmente até 1989, Joinville juntamente com Jaraguá do Sul foi uma das cidades que mais cresceram nesse período.

Embora a economia do país estivesse em queda livre, com uma inflação que chegou, em 1988, a 1000%, passando por vários planos econômicos fracassados, e a indústria joinvilense também estivesse passando por grandes dificuldades, *a cidade continuava sendo pólo de atração para pessoas* que conviviam com grandes

³⁷ VIEIRA, 1983, p. 109.

³⁸ VIEIRA, 1983, p. 117.

dificuldades em suas cidades e não viam esperança de melhora.³⁹(Grifo do autor)

Segundo dados colhidos do livro **O Reino entre príncipes e princesas**, após o Jubileu de Ouro da AD, pelo menos mais nove congregações foram abertas na cidade no período de 1983 a 1990.⁴⁰ Acompanhando a cidade, essas novas congregações também cresciam no mesmo ritmo dos novos bairros que começavam a se formar.

Essa relação entre industrialização migrações e crescimento do pentecostalismo não é algo novo. Alguns autores já exploraram esse tema, e ainda que esses fatores acima citados não expliquem toda complexidade do tema, mesmo assim não pode ser descartada como formas de se entender a expansão do movimento pentecostal. Mariano afirma que “As primeiras análises sociológicas do pentecostalismo enfatizaram suas funções de ajustamento e integração social”.⁴¹ Ou seja, no intenso processo de urbanização ocorrido no Brasil a partir dos anos 30, os migrantes de origem rural se sentindo deslocados numa sociedade que rapidamente se urbaniza, se sentiriam deslocados socialmente. A religião nesse sentido teria efeito de recriar laços primários de solidariedade e ressocialização. Ainda segundo Mariano esses fatores “favoreceram o êxito da pregação pentecostal no contexto urbano-industrial.”⁴²

A mesma observação é feita pelo historiador Maxwell Fajardo. Segundo esse autor:

A partir de década de 1960 o pentecostalismo chama a atenção de diversos pesquisadores das ciências sociais interessados em entender os motivos do crescimento deste grupo religioso nos grandes centros urbanos. Nesta época, grande leva de migrantes chegavam a estes centros em busca de melhores condições de vida através do trabalho nas indústrias. As interpretações então vigentes

³⁹ GUEDES, 2004, p. 98.

⁴⁰ POMMERENING, 2008, p. 165-192.

⁴¹ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

⁴² MARIANO, 1999, p. 225.

atribuíam às igrejas pentecostais a função de proporcionar amparo ao migrante em seu processo de transição de uma sociedade rural e tradicional para uma sociedade moderna e urbana.⁴³

Em estudo sobre a religião na metrópole paulista, Ronaldo de Almeida detalha essa forma de integração social ao afirmar que:

As redes evangélicas trabalham em favor da valorização da pessoa e das relações pessoais, gerando um aumento de autoestima e impulso empreendedor, além de ajuda mútua com o estabelecimento de laços de confiança e fidelidade. Essas redes atuam em contextos de carência, operando, por vezes, como circuitos de troca, que envolvem dinheiro, comida, utensílios, informações e recomendações de trabalho, entre outros.⁴⁴

Um bom exemplo desse momento de expansão urbana e eclesial, a qual se ajusta as teorias funcionalistas acima propostas é a história da congregação do bairro Portinho, a qual desde sua abertura como ponto de pregação, até sua afirmação como trabalho autônomo, revelou a dinâmica do crescimento de um trabalho evangélico em bairros periféricos formados majoritariamente por migrantes. Em uma reportagem especial para o periódico O Assembleiano, o experiente repórter e radialista Ildo Campelo detalha da seguinte forma a história da nova congregação.

Portinho é mais uma das muitas localidades que têm surgido nos últimos anos em Joinville, em virtude do *violento processo migratório que tem provocado uma verdadeira inchação na cidade*. Um mangue localizado no final das ruas Rodrigo Lobo, Uruguaiana e Guaratinguetá, foi sofrendo um processo de invasão e transformando-se rapidamente num aglomerado de casas e barracos, servindo de habitação de gente humilde, especialmente da região Norte do Paraná. Hoje, são mais de quinhentas casas abrigando cerca de duas mil almas. A população é formada, na sua maioria, por homens simples, porém trabalhadores, mulheres donas de casa e crianças de todas as idades.⁴⁵ (Grifo do autor)

⁴³ FAJARDO, Maxwell Pinheiro. **Pentecostais, migrações e redes religiosas na periferia de São Paulo**: um estudo do bairro Perus. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Humanidades e Direito, programa de Pós Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. 2011.

⁴⁴ ALMEIDA, de Ronaldo. **Religião na Metrópole Paulista**. Revista Brasileira de Ciências Sociais – v. 19, nº 56, p.21, 2004.

⁴⁵ O ASSEMBLEIANO. Joinville, ano II, n. 11, out/dez. 1988. p. 03.

Ainda na continuação da reportagem é relatado que em 1983, enquanto o bairro crescia desordenadamente, foi aberto o primeiro ponto de pregação que em pouco tempo se tornou em uma congregação. Segundo o jornalista: “Paralelamente ao crescimento da localidade de Portinho, a congregação foi crescendo” e mais adiante o jornalista observa as formas como se dava esse crescimento numérico: transferências de membros, reconciliações e conversões; as quais segundo ele foram determinantes para o aumento de membros e congregados. A reportagem termina com a observação de que o humilde templo de madeira em breve seria ampliado, para abrigar o número sempre crescente de membros e atividades evangélicas no bairro.⁴⁶

Nesse caso, o repórter por sua experiência e perspicácia conseguiu apreender a dinâmica do processo de crescimento pentecostal no bairro. Ao chamar de “violento” o processo de migração, e verificar a “inchação” da cidade, Campelo reforça suas antigas críticas sobre a discriminação social dos migrantes⁴⁷, e por inferência, revela o trabalho de acolhimento da igreja no processo migratório.

Mas é no trabalho da historiadora Valdete Daufemback Nieuhes intitulado “**De agricultor a operário: lembranças de migrantes**”, que a tese do ajustamento é debatida, colocando a religião como norteador de vida. A tese de Nieuhes que analisa o “surto imigratório” de agricultores procura “investigar as formas de ajustamento do migrante rural na cidade de Joinville”.⁴⁸ E é nessa investigação, que segundo a autora, utilizando um termo da historiadora Ecléa Bosi, o migrante ao chegar à cidade tem suas “raízes partidas”, ou seja, ele perde as referências e “obriga-se a encontrar formas que lhe deem o direito de pertencer a um grupo, para dar sentido à vida”.⁴⁹ E é nesse contexto, que muitos mudam suas práticas

⁴⁶ O ASSEMBLEIANO, 1988, p. 3.

⁴⁷ NIEHUES, Valdete Daufemback. **De agricultor a operário: lembranças de migrantes**. 2000. 245 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. p. 132.

⁴⁸ NIEHUES, 2000, p. 245.

⁴⁹ NIEHUES, 2000, p. 186.

religiosas e aderem à fé evangélica como forma de reconstrução de valores como fez o migrante Hélio Daufemback cujo trecho da entrevista é aqui reproduzido:

Na Católica, você entra não faz diferença. Você é mais um só. *Nas outras Igrejas, não; as pessoas te recebem de braços abertos e dão valor e atenção, e estão vinte e quatro horas dispostos a te escutar, a te compreender.* Isto foi um grande subterfúgio meu. A formação intelectual, que de repente me faltava depois eu supri nessa área. Às vezes, muitas pessoas vêm pra cá, ficam sozinhas e se engajam na igreja, que não seja Católica. Não sei se isto que me motivou a mudar de religião. [...] Não sei o que teve mais peso, se foi a busca por uma verdade doutrinária, ou se era por causa da minha dificuldade de engajamento com um grupo social.⁵⁰ (Grifo do autor)

O relato desse migrante é sintomático de como a mudança para uma cidade em crescente expansão industrial, afeta a estrutura pessoal e social de uma pessoa, resultante da anomia social que alguns autores já observavam em seus estudos nas décadas de 1960 e 70. E de como as igrejas trabalham para a valorização e reintegração social dos indivíduos na cidade grande.

É importante observar, que nesse momento crucial a AD joinvilense estava bem preparada para essa reintegração, pois a analisar a Revista do Jubileu, é possível verificar a preocupação da igreja com a ação social feita através da Sociedade de Assistência Social e Educacional “Deus Proverá” (SASEDEP). Criada em 1969, e reformulada em 1981, a SASEDEP atuava em várias frentes com cursos profissionalizantes, campanhas de arrecadação de agasalhos, distribuição de cestas básicas, distribuição de medicamentos e na manutenção de jardins de infância.⁵¹ Pode-se imaginar os benefícios e o impacto na vida de muitas pessoas, as quais eram acolhidas e ajudadas por essas ações sociais num momento de radical mudança em suas existências.

⁵⁰ Entrevista de Helio Daufemback citada por NIEHUES, 2000, p. 187.

⁵¹ VIEIRA, 1983, p. 53-57.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos esses componentes ajudaram a AD crescer de forma grandiosa em poucos anos, e mesmo vivendo em um contexto de crise, conseguiu levantar o novo templo sede na Avenida Getúlio Vargas. A construção do novo templo além de evidenciar de maneira concreta a expansão e crescimento numérico da denominação, e a admiração e respeito das autoridades, revelou também como a liderança da igreja nitidamente percebia as oportunidades do momento. Prova disso é o fato, de que, no dia da inauguração o então pastor da igreja Satyro Loureiro, comunicou a imprensa o projeto de construir mais 10 templos pelos bairros da cidade.⁵²

E dentro desse contexto, a liderança da denominação, ao que tudo indica, teve consciência do enorme potencial e do momento de grandes transformações políticas que envolviam toda a nação, e de como poderia instrumentalizar cada vez mais isso para outros projetos. A presença em peso de várias autoridades no ato de inauguração do templo sede e os projetos de maior expansão apontava para mais uma meta, que a igreja logo ousaria buscar. Essa meta seria a sustentação de uma candidatura própria nas eleições municipais de outubro de 1988. Porém essa é outra história...

⁵² POMMERENING, 2008, p. 36.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Abraão de. et al. **História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.
- ARAÚJO, Isael. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BRENDA, Albert W. **Ouvi um recado do céu: biografia de J. P. Kolenda**. Rio de Janeiro: CPAD, 1984.
- FAJARDO, Maxwell Pinheiro. **Pentecostais, migrações e redes religiosas na periferia de São Paulo: um estudo do bairro Perus**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Humanidades e Direito, programa de Pós Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. 2011.
- FRESTON, Paul. **Breve história do pentecostalismo**. In: ANTONIAZZI, Alberto. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (Org.) **História de (I) migrantes: o cotidiano de uma cidade**. Joinville: Univille, 1998.
- GUEDES, Sandra P. L. de Camargo; GORDON, Eleide Abril. **Hospital público é assim mesmo!** Joinville: Univille, 2004.
- MIRANDA, Márcio. **75 anos da Assembleia de Deus em Joinville**. Joinville: CEEDUC, 20 de ago. 2008. Entrevista a Claiton Ivan Pommerening e Mario Sérgio de Santana.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro. 1º quinzena de março 1938.
- MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro. 1ª quinzena de abril de 1940.
- MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro. 1ª quinzena de fevereiro de 1941.
- MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro. 1ª quinzena de agosto de 1943.
- MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro. 1º quinzena de julho de 1945.
- MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro. 2ª quinzena de maio de 1939.
- MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro: CPAD, 1956.
- MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro: CPAD, 1988.
- NIEHUES, Valdete Daufemback. **De agricultor a operário: lembranças de migrantes**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- POMMERENING, Claiton Ivan (Org.) **O Reino entre príncipes e princesas: 75 anos de história da Assembléia de Deus em Joinville**. Joinville: REFIDIM, 2008.
- SANTOS, Ismael. **Raízes da nossa fé: a história das igrejas evangélicas Assembleias de Deus em Santa Catarina e no Sudoeste do Paraná**. Blumenau: Letra Viva, 1996.
- O ASSEMBLEIANO. Joinville, ano II, n. 11, p. 03. out/dez. 1988.
- TERNES, Apolinário. **História de Joinville: uma abordagem crítica**. 2. ed. Joinville: Meyer, 1984.
- VIEIRA, Adelor F. (Org.) **1983 - ano do cinquentenário da Igreja Evangélica Assembléia de Deus Joinville - SC**. Joinville: Manchester.